



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 03 | N°. 5 | Ano 2022

Marcos Augusto Fagundes

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

FUTEBOL NA RELAÇÃO DE PORTUGAL E OS PALOPS: PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE PÉS DE OBRA

FOOTBALL IN THE RELATIONSHIP BETWEEN PORTUGAL AND THE PALOPS: PRODUCTION AND EXPORT OD WORKS

RESUMO: Este artigo discute a circulação de jogadores profissionais de futebol dos PALOPS para Portugal, examinando as relações coloniais entre esses países. O domínio português em solo africano e suas consequências para o desenvolvimento das regiões são analisados por meio de uma revisão bibliográfica. Embora a independência tenha sido alcançada, nota-se a persistência de relações coloniais no contexto atual. O futebol é visto como uma lente através da qual essas questões políticas, econômicas e sociais podem ser compreendidas e debatidas. O objetivo é contribuir para o estudo das questões coloniais, fornecendo uma perspectiva esportiva sobre o assunto. Os resultados da pesquisa podem ajudar a elucidar as dinâmicas envolvidas no processo de circulação de jogadores de futebol entre os PALOPS e Portugal. Este estudo destaca a importância do esporte como um campo de estudo interdisciplinar para analisar questões sociais, políticas e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Colonialismo; PALOPS.

ABSTRACT: This article discusses the circulation of professional football players from PALOPS to Portugal, examining the colonial relations between these countries. The Portuguese domination in African soil and its consequences for the development of the regions are analyzed through a bibliographical review. Although independence has been achieved, the persistence of colonial relations is noted in the current context. Football is seen as a lens through which these political, economic, and social issues can be understood and debated. The objective is to contribute to the study of colonial issues by providing a sports perspective on the subject. The research results may help elucidate the dynamics involved in the process of football player circulation between PALOPS and Portugal. This study highlights the importance of sports as an interdisciplinary field of study to analyze social, political, and cultural issues.

KEY WORDS: Football; Colonialism; PALOPS.

FUTEBOL NA RELAÇÃO DE PORTUGAL E OS PALOPS: PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE PÉS DE OBRA

Marcos Augusto Fagundes ¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito explicar a situação neocolonial entre Portugal e suas antigas colônias, o grupo de países denominados PALOPS,² promovendo assim um debate historiográfico a partir das relações futebolísticas. Para iniciar a discussão sobre as relações entre Portugal e os PALOPS no contexto do futebol, é importante contextualizar a trajetória imperialista nestes países africanos, que foram colonizados em diferentes períodos e intensidades, deixando um legado altamente destrutivo para as sociedades locais. Dentre as principais heranças negativas do período colonial, destacam-se as estruturas sociais e o racismo, que ainda são muito presentes na atualidade.

Em um segundo momento, partindo da contextualização histórica do processo colonial nos PALOPS, busca-se destacar o processo de inserção do futebol nesses países e sua utilização para diversas causas. Deste modo, verifica-se que o futebol foi utilizado como estratégia para potencializar a dominação e a segregação social da população nativa colonizada, mas em muitas ocasiões foi ressignificado e utilizado para articular movimentos que contribuíram para os processos de independência.

Em sequência, a partir da colonização e da inserção do futebol nos PALOPS será debatido os fluxos migratórios dos jogadores na atualidade com base em dados quantitativos dos atletas que compõem as seleções de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, com o propósito de identificar a similaridade da rota migratória destes esportistas que tem como principal destino Portugal. Portanto, pode-se destacar o futebol como um importante objeto de estudo para a análise das relações neocoloniais e suas consequências para a atualidade, sendo estas uma parte das expressões da permanência das relações de poder que se intensificam no âmbito esportivo com o processo de globalização.

Portugal e sua trajetória imperialista no continente africano

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus Irati/PR. marcosaugustofagundes92@gmail.com O presente artigo é baseado no segundo capítulo da dissertação: “O futebol profissional em um mundo globalizado pós-colonial: A circulação de jogadores profissionais entre Portugal e os PALOPS (1995-2022)”.

² O termo PALOPS significa “Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa”, sendo os países que compõem este grupo Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Ao analisar o processo imperialista europeu no continente africano, é possível notar que Portugal foi uma das primeiras nações a adentrar e explorar este vasto território, e ao contrário de muitos outros países europeus, foi um dos últimos a deixá-lo, somente na segunda metade do século XX. Os portugueses exerceram domínio sobre o território de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, deixando um legado muito destrutivo para estes povos, os quais ainda sofrem com os impactos deste longo período de exploração e estão sujeitos às relações neocoloniais que prejudicam seu desenvolvimento. Esses vínculos também podem ser destacados no campo esportivo. As palavras de Claudio de Farias Augusto (2011) sintetizam claramente como foi o processo de exploração do continente africano:

As diretrizes governamentais coloniais portuguesas caracterizaram-se, nos quatro primeiros séculos, pelo parasitismo primário do colonizador e, em seu último século, pelo crescente arrendamento de seus domínios no território africano (constituídos por Angola – com seu rico e cobiçado enclave de Cabinda –, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) ao capital internacional (AUGUSTO, 2011, p. 33).

A segunda parte do processo colonial português, que se inicia no começo do século XX, é marcada pela grande participação de militares, representados por um longo período pela figura de Salazar, portanto este grupo estava no centro das discussões acerca das posturas tomadas pela metrópole sobre suas colônias africanas. Cabe destacar que Portugal, mesmo exercendo grande influência nos territórios ultramarinos, possuía uma economia muito dependente e pobre, o que levou à tomada de decisões extremas para manter-se no poder, dentre elas o trabalho forçado nas colônias.

Focando nos anos iniciais do século XX, mais especificamente 1914-1935, nota-se o grande impacto da Primeira Guerra Mundial no território africano, a longa Depressão gerada após o fim do conflito, fez com que as metrópoles integrassem as colônias ao sistema econômico capitalista internacional, visando um plano maior de exploração colonial. Antes de mais nada, sobre as relações imperialistas, destaca-se a postura do europeu que busca suavizar as atrocidades cometidas no processo de colonização, justificando seus atos. Em todas as empreitadas imperialistas está presente à bandeira da missão cultural e moral, porém o real e potencial interesse é meramente econômico, a frase “levar a civilização” é replicada com grande frequência juntamente com os adjetivos pejorativos que visam desqualificar os povos nativos.

De acordo com Albert Memmi (2007, p.37), “os motivos econômicos da empreitada colonial já foram esclarecidos por todos os historiadores da colonização, ninguém mais acredita na missão cultural e moral, mesmo original do colonizador”. Dando continuidade às análises, uma das principais heranças do colonialismo evidenciadas neste estudo são as estruturas sociais marcadas pelo racismo e segregação dos povos nativos, que se sentem excluídos e limitados

dentro do seu próprio território. Essas consequências são bastante nítidas ao longo dos estudos dos PALOPS. A ganância dos colonizadores que se intitulavam como “civilizados” e agiam como donos do mundo gerou a constituição de uma estrutura social racista, este processo fica muito nítida nas palavras de Fanon (2008, p. 117): “o branco quer o mundo, ele o quer só para si. Ele se considera o senhor predestinado deste mundo. Ele o submete, estabelece entre ele e o mundo uma relação de apropriação.”

Portanto, a marcha imperialista europeia em solo africano trouxe inúmeros problemas estruturais, de consciência e questões psicológicas, uma vez que esses povos sofreram a imposição de novos valores e costumes e, em muitas ocasiões, foram tratados de maneira desumana. Ao pensar na convivência nas colônias, fica evidente a dicotomia entre a vida do colonizador e do colonizado, dois extremos opostos. Enquanto o colonizador desfrutava de privilégios e benefícios muitas vezes maiores do que os possíveis dentro da metrópole, os nativos sofriam duras restrições e discriminações, sendo tratados com indiferença dentro do seu próprio território.

As consequências deixadas pelo colonialismo, não só físicas, mas também estruturais e psicológicas, são muito nocivas para as sociedades africanas, que sofreram e ainda sofrem muito com a interferência do capital cultural estrangeiro, principalmente europeu. Mesmo nos dias de hoje, essa interferência ainda ocorre, embora de maneira mais maquiada, desqualificando e recriminando as culturas nativas da África. Portanto, faz-se necessário contextualizar historicamente o longo e violento período colonial português em solo africano nos PALOPS, para posteriormente abordar a relação entre a colonização e as práticas esportivas, em especial o futebol.

O processo de inserção do futebol nos PALOPS

O período colonial português na África foi bastante extenso e pode ser analisado por meio de diversas perspectivas. Utilizar o futebol como uma forma de interpretar as questões coloniais apresenta-se como uma possibilidade interessante de dinamização desses estudos, com grande potencial a ser explorado. Partindo deste princípio, utilizando o futebol para interpretação das questões coloniais, trataremos neste presente tópico sobre a inserção do esporte em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Para tanto, pensamos o futebol tanto como uma prática social que corroborou para dominação colonial como para a libertação.

Começaremos nossa exposição com a experiência de Angola. Durante o período colonial neste país, a metrópole buscou estratégias para reforçar sua dominação e a segregação da população nativa colonizada, e o esporte foi utilizado como uma ferramenta para alcançar esse

objetivo, especialmente no início do século XX, quando os clubes esportivos eram espaços exclusivos de sociabilidade para os colonos portugueses, inacessíveis aos colonizados angolanos.

Nascimento aponta que:

Com o incremento da presença de portugueses, os angolenses sofreram um processo de subalternização, evidenciado pelo progressivo afastamento das áreas centrais da cidade, pelas dificuldades de ocupação dos cargos públicos e pela gradual exclusão dos locais de lazer frequentados pelos colonos. Uma vez afastadas desses espaços, as elites angolenses criaram clubes e formaram equipes, transformando as competições esportivas em palcos de conflitos característicos da situação colonial (NASCIMENTO, 2013, p. 56).

O surgimento de alguns clubes de futebol nos anos trinta pode ser citado como exemplo desta prática de segregação. Em 1924, a fundação do Club Atlético de Luanda era composta por famílias angolanas com uma condição social e econômica privilegiada, enquanto o Operário Football Club, como o próprio nome sugere, era marcado pela presença de africanos com condições sociais menos favorecidas.

Mesmo tendo sido utilizado como meio de exclusão e consolidação do poder colonial nos anos iniciais de sua implementação em solo angolano, deve-se mencionar que, aos poucos, o futebol foi sendo ressignificado e utilizado ativamente na luta pela resistência contra o colonialismo. A partir dos anos de 1950, nota-se a presença ativa de membros e dirigentes esportivos nas lutas sociais, se beneficiando do futebol para reivindicar mais investimentos e direitos frente ao governo colonial que começava a se desgastar. As principais pautas e reivindicações estavam ligadas à necessidade de maior investimento por parte da metrópole em escolas e assistência médica, além da igualdade entre colonos e angolanos, sendo estes nativos ou mestiços.

Neste processo, os clubes de futebol em Angola tiveram sua participação importante na articulação política, conforme é mencionado por Nascimento:

a ausência de espaços formais de atuação política, como os partidos, contribuiu para que clubes esportivos se tornassem locais de discussão política, embora não forçosamente anticolonial. O caso do Botafogo é exemplar, já que, em 1961, o clube foi fechado pela Pide, a polícia política portuguesa, sob o argumento de que seus dirigentes atuavam em organizações clandestinas (2013, p. 57).

Mesmo no período de resistência e dos movimentos frente à de libertação de Angola, a discriminação e a segregação eram muito presentes, principalmente na designação informal dos clubes de futebol por parte dos colonos, que os distinguiam como clube dos brancos, clubes dos

pretos, e clubes dos terroristas, estes que estariam ligados mais diretamente na articulação na luta contra o colonialismo.

Desta forma, ao sintetizar a trajetória do esporte em Angola, podemos destacar algumas particularidades: até o início da década de 1920 era possível encontrar em Angola um espaço nos clubes para os colonos e os nativos. Porém, nos anos seguintes, principalmente na segunda metade dos anos de 1920 e 1930 se potencializa, juntamente com a chegada de um grande contingente de pessoas da metrópole, a segregação e a distinção entre clubes de negros e clubes de brancos. A situação apenas se altera a partir de 1950, quando a colônia já com sinais de decadência muda sua postura em solo africano, gerando a inibição de referências à cor da pele nos periódicos e documentos oficiais, adotando o favorecimento de equipes multiétnicas e tendo a participação de destaque de africanos nos campeonatos disputados na metrópole.

Em sequência, para explicar as particularidades da inserção do futebol em São Tomé e Príncipe cabe mencionar a trajetória de exploração intensiva que sofreu o país, tanto com relação ao solo quanto a utilização de mão de obra. Esta postura colonial acabou impactando no desenvolvimento das práticas de lazer de modo geral, bem como nas atividades esportivas.

Os colonos, parte deles de baixa extração social e cultural, estavam dispersos pelas roças de cacau e os que viviam na cidade reproduziram, até meados do século XX, modelos de conduta e relacionamento inspirados por um racismo contido, mas suficientemente operante para inviabilizar a cooperação necessária à aposta num lazer partilhado como o do desporto. A vida cidadina era exígua e pobre, mais dada à pequena intriga do que à apropriação das novidades do mundo (NASCIMENTO, 2013, p. 65).

Portanto, o arquipélago de São Tomé e Príncipe se configura exclusivamente durante um longo período de tempo, como menciona Nascimento, em uma “colônia plantação” baseada no cultivo de Cacau. Com relação às práticas esportivas, mais especificamente o futebol, ele só foi estimulado a partir da década de 1960, quando as autoridades coloniais já estavam fragilizadas e em processo de decadência. Optaram por alterar sua postura de exploração, prevendo o fim do domínio colonial. Assim como nas demais colônias portuguesas, uma das estratégias utilizadas em São Tomé e Príncipe para manter a ligação colonial por meio do futebol foi a implantação das filiais dos principais clubes portugueses surgindo, então, o Sporting de São Tomé e Príncipe e o Sport São Tomé e Benfica.

Entretanto, assim como o futebol foi utilizado como forma de manutenção do poder colonial pela metrópole, cabe destacar também suas outras finalidades, como por exemplo, as movimentações do MLSTP Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe, que buscou desenvolver o esporte com o intuito de organização das massas, inclusive criando um campeonato popular de futebol. Mesmo com a inserção do futebol no arquipélago, é importante

destacar suas limitações, principalmente impulsionadas pelas dificuldades econômicas que interferem drasticamente no desempenho e na capacidade de competição internacional do esporte, inclusive estimulando a migração de esportistas para outros países onde as condições para as práticas sejam mais favoráveis.

Enfim, mesmo com oscilações e momentos em que o futebol é utilizado com maior ou menor intensidade, devido às inúmeras adversidades políticas e problemas econômicos, é importante destacar sua importância para a contextualização e compreensão histórica de São Tomé e Príncipe. Passando para o contexto colonial de Cabo Verde, a inserção do futebol acontece de maneira mais lenta, dividindo espaço e preferência com outras práticas esportivas como o golfe e o críquete. Isso se deve em grande parte à constituição da população deste território, que buscava a construção de uma identidade cabo-verdiana associada a supostas ideias de modernidade, tendo em vista alguns padrões dos colonizadores europeus.

Os princípios aos quais são utilizados no esporte em Cabo Verde podem ser muito bem sintetizados nas seguintes palavras de Nascimento:

Buscando reagir a um processo de subalternização, construiria uma noção de cabo-verdianidade pautada na diferenciação entre as populações do arquipélago e as das demais colônias portuguesas na África. O principal fundamento de tal construção identitária seria a auto atribuição das imagens de modernidade e civilização, para a qual as práticas esportivas contribuíram decisivamente (NASCIMENTO, 2013, p. 59).

Portanto, o esporte é de grande importância para se estudar a dominação portuguesa do território de Cabo Verde e as estratégias dessas pessoas para lidar com os desafios dessa situação. Podemos destacar que através das práticas esportivas, a elite cabo-verdiana local tentou se assimilar aos colonizadores através de uma articulação política de negação de subalternidade; no mesmo processo, no entanto, ainda houve uma glorificação da lealdade à metrópole. Assim, “o estudo do esporte pode contribuir para o questionamento da oposição binária entre colonizadores e colonizados, tão em voga na análise da situação colonial” (NASCIMENTO, 2013, p. 57).

Apesar da proximidade histórica e territorial, Guiné Bissau teve o desenvolvimento das práticas esportivas de maneira mais considerável. No entanto, disseminaram-se por lá de forma mais tardia. Somente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que o governo colonial participou mais ativamente do desenvolvimento dos esportes nesta colônia, potencializando a rivalidade entre nativos, guineenses e colonos, agora no campo esportivo, entretanto também deve ser destacada a utilidade política destas práticas. As seguintes palavras de Nascimento destacam a inserção do esporte em Guiné Bissau:

Em 1945, o Capitão de Fragata Sarmento Rodrigues tornou-se governador geral da Guiné. Enquanto governador, buscou estimular, juntamente com o Primeiro Tenente Peixoto Corrêa, presidente do Conselho de Desportos, as atividades esportivas. Isso fazia parte de um conjunto de medidas que tinham como meta melhorar a qualidade de vida dos habitantes da Guiné, transmitindo a imagem do papel civilizador da colonização e a ideia de que todos os domínios portugueses, na Europa ou no Ultramar, faziam parte de uma mesma nação (NASCIMENTO, 2013, p. 61).

Porém, mesmo com a inserção do esporte com as finalidades específicas propostas pelos colonizadores de promover uma suposta missão civilizatória em África, e de promover um território europeu ultramarino, como já era de se esperar, muitos clubes se mantiveram inacessíveis aos nativos africanos. No caso de Guiné-Bissau, antes do processo de independência, as práticas esportivas eram majoritariamente restritas aos portugueses que viviam na colônia e integrantes das forças armadas, enquanto que, em contrapartida, as populações nativas praticavam o esporte de maneira improvisada nos bairros periféricos. Com todas essas adversidades no que tange às práticas esportivas, onde o amadorismo prevalecia no futebol praticado por grande parte da população nativa, os defensores da luta anticolonial passaram a utilizar justamente deste campo para a sua organização política e a difusão de ideias relacionadas à libertação nacional. Como sujeito fundamental deste processo podemos citar a atuação de Amílcar Cabral que utilizou de forma ímpar o futebol como meio de resistência.

Com relação à atuação de Amílcar Cabral e suas movimentações políticas por meio do futebol, cabe destacar suas estratégias para atrair os africanos à luta anticolonial. O esporte foi muito bem utilizado como uma forma de reunir os jovens e conseqüentemente instigá-los a participar dos movimentos políticos, nomes como Bobo Keita, Calos Correia, Constantino Teixeira e Nino Viera, são apenas alguns exemplos de líderes dos movimentos de libertação que são frutos deste processo que começaram a participar mais ativamente da política através das relações e espaços que o esporte proporcionava. Dando continuidade neste processo, cabe destacar a criação de clubes, como por exemplo, em 1954, a fundação do Clube Desportivo e Recreativo de Bissau por Amílcar Cabral, com grande relevância para as articulações políticas e, conseqüentemente, contribuiu para a futura organização política e fundação do Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em 19 de setembro de 1956.

Anda sobre o Clube Desportivo e Recreativo de Bissau, destaca Melo:

O clube fora concebido como uma estratégia para gerar um espaço para a realização de atividades políticas, em um momento em que estava restrita a possibilidade de reunião. Tinha também a intenção de garantir o que Cabral compreendia ser um direito básico de todos: o acesso a práticas esportivas, recreativas, artísticas. Amílcar, enfim, enxergava a iniciativa como uma alternativa para despertar a consciência da população para sua condição

colonial, para conclamá-la a participar mais ativamente de ações de contestação (MELO, 2011, p. 3).

Além da utilização do esporte no processo de independência, cabe mencionar também suas contribuições no período final do colonialismo português e sua influência após conquistada a independência (mesmo com a morte de Cabral), onde priorizava-se a constituição de um espírito nacionalista.

é necessário abordar a maneira como no pós-independência o desporto foi, ou não, idealizado como instrumento de construção da nação e, em alguma medida, de adestramento de corpos e mentes, em atenção ao imperativo de construir um homem novo. Na verdade, o almejado esporte de massas comportava desígnios de imposição de uma modernidade a que o tecido social guineense seria menos propenso (NASCIMENTO, 2013, p. 63).

A inserção do futebol no contexto colonial em Moçambique pode contribuir muito para as investigações acerca da relação entre colonos e colonizados. O esporte representava as categorizações que separavam os europeus, assimilados³ e nativos, onde estes últimos por um longo período foram impedidos de participar ativamente das decisões esportivas e criar suas próprias agremiações, sendo restritos somente a participação das atividades.

Com o passar dos anos, com o enfraquecimento do domínio colonial, nos anos de 1950, quando os jogadores nativos se destacavam nas principais equipes de Moçambique, o poder colonial decidiu alterar suas medidas, diminuindo assim a discriminação no âmbito do futebol. Cabe destacar também no desenvolvimento do esporte em Moçambique não só a presença da influência da metrópole colonizadora, mas também da atuação sul-africana, conforme nos aponta Nascimento.

A influência sul-africana no subúrbio afetaria a história do futebol na capital de Moçambique. Em Lourenço Marques, como no Mindelo, a extensa comunidade inglesa seria responsável, no início do século XX, pela institucionalização dos esportes, que compunham um estilo de vida das classes dirigentes, compartilhado por alguns membros da elite portuguesa. Assim, na primeira década daquele século foram criados clubes exclusivos, com nomes em inglês e atividades amadoras de tênis, golfe, vela, rúgbi, críquete e futebol (NASCIMENTO, 2013, p. 64).

Entretanto, mesmo com estas outras influências, os portugueses consolidam seu domínio também no campo esportivo moçambicano, criando vários clubes associados aos tradicionais presentes na metrópole portuguesa, como é o caso dos clubes Sporting, Porto e Benfica. Ainda

sobre a trajetória e difusão do futebol em Moçambique deve-se mencionar que muitos clubes suburbanos surgiram de igrejas e outras agremiações e associações às quais contribuíram para a formação em 1924 da Associação de Football Africana. Os membros destas associações destacam a importância do esporte para o desenvolvimento da sociedade africana:

avaliaram o esporte como um instrumento para a educação e a civilização da juventude africana, enxergando no associativismo desportivo um instrumento de reorganização política e resistência à subalternização. Suas esperanças logo seriam enfraquecidas devido ao crescente controle das associações pelas autoridades coloniais, que exploraram as fissuras das elites crioulas, sobretudo entre negros e mestiços (NASCIMENTO, 2013, p. 64).

As décadas de 1950 e 1960 marcam a atuação de destaque de alguns jogadores africanos oriundos de Moçambique nos torneios da metrópole, e até mesmo na seleção portuguesa como são os casos de Matateu, Coluna, Hilário e Eusébio, este último com maior repercussão sendo considerado um dos maiores jogadores da história a vestir a camisa lusitana. A memorável atuação destes atletas contribuiu para o processo de profissionalização e intensificou a procura de talentos futebolísticos nos subúrbios da colônia. Com o fim do domínio português após a independência em 1975, os clubes são nacionalizados e muitos destes, até mesmo os renomeados, visando cortar de vez os laços estabelecidos de maneira forçada com a metrópole, porém estas relações ainda são muito presentes atualmente onde muitos moçambicanos torcem e acompanham mais os clubes portugueses que as equipes locais, conforme veremos mais adiante.

Logo após o período em que Moçambique conquista a independência, o país mergulha em uma longa e sangrenta guerra civil (1976-1992). Estes eventos contribuem para a desarticulação econômica e política, impactando diretamente nos projetos esportivos. Relacionado às questões esportivas ao estudo da história colonial, Nascimento destaca que “um traço comum na historiografia recente sobre a África colonial, que consiste, precisamente, na análise do colonialismo para além dos projetos, discursos, instrumentos jurídicos e ações metropolitanas” (NASCIMENTO, 2013, p. 67). Tendo como base as palavras mencionadas anteriormente, reiteramos a importância de se pensar as práticas esportivas para contextualizar o processo de colonização e suas várias consequências que podem contribuir consideravelmente para investigações na atualidade:

o esporte não foi somente um instrumento do Estado colonial para a disciplinarização das massas, nem apenas uma arma a favor dos nacionalismos e da luta anticolonial. Podendo ser tudo isso, as práticas esportivas foram,

³ Assimilados: designação comumente utilizada no contexto colonial em África até os anos de 1946. Eram denominados com esta nomenclatura os negros e mestiços que comprovassem o domínio de padrões culturais europeus (MARZANO; NASCIMENTO, 2013, p. 61).

também, oportunidades de diversão, compartilhamentos e conflitos. Permitiram a afirmação de dignidades e a construção de identidades diversas (NASCIMENTO, 2013, p. 68).

Portanto, a partir destes apontamentos e considerações buscou-se demonstrar a inserção do futebol em algumas colônias portuguesas na África e suas problemáticas. Destacou-se assim, os estudos relacionados aos esportes para descrever as questões de cunho político, econômico e sociais em seus respectivos processos coloniais.

Migração de jogadores na atualidade

Ao analisar a relação de dominação de Portugal nos PALOPS, deve-se destacar que, mesmo após a conquista da independência dessas colônias na segunda metade do século XX, alguns vínculos e resquícios deste longo período colonial ainda permanecem. O futebol é um dos meios para compreensão destes eventos neocoloniais, uma vez que expressa a continuidade das relações de poder entre Portugal e os PALOPS no campo esportivo. Durante o período colonial, o futebol foi introduzido pelos colonizadores portugueses e utilizado como um instrumento de dominação cultural e política. Os clubes de futebol eram controlados pelos colonizadores e serviam como uma forma de impor a cultura portuguesa sobre os povos colonizados.

Para tentar entender melhor a relação dos jogadores de futebol dos PALOPS estabelecida com Portugal após o período colonial, buscou-se também analisar dados dos selecionáveis das seleções futebolísticas destes países africanos. Para tal, a partir de uma busca extensa e minuciosa, encontrou-se informações específicas de acordo com os selecionáveis de cada país no ano de 2022. As informações adquiridas estão expostas de acordo com a divisão de temáticas mais apropriada para compreender esta relação neocolonial estabelecida através do âmbito esportivo, explanando a origem destes jogadores, seu trabalho de formação de categoria de base, e posteriormente sua trajetória esportiva. A partir da tabulação de tais informações chegamos à seguinte tabela que expõe os dados gerais:

Seleção (2022)	Passagem futebol português	Base futebol português	no Português com descendência africana	Estrangeiro	Total
<i>Angola</i>	15	13	6	5 ⁴	25
<i>Cabo Verde</i>	18	11	7	9 ⁵	29
<i>Guiné – Bissau</i>	25	23	8	6 ⁶	34
<i>São Tomé e</i>	13	12	6	1	22

⁴ (1) Alemanha, (2) Bélgica, (1) França, (1) Suíça.

⁵ 5 (Holanda), 3 França, 1 Costa do Marfim

⁶ (4) França, (1) Itália, (1) Bélgica

<i>Príncipe</i>					
<i>Moçambique</i>	10	4	0	0	23

TABELA 1 - Dados gerais (conforme o cruzamento de dados do Portal de Futebol Transfermarkt, sítio virtual que disponibiliza dados sobre Transferências, Valores de Mercado, Rumores e estatísticas)

Discorrendo inicialmente sobre os dados gerais das seleções dos PALOPS a partir das convocações do ano de 2022, constata-se os seguintes dados: no caso de Angola, dos 25 jogadores selecionáveis com maior frequência, 15 possuem passagem pelo futebol português, destes, 13 participaram desde a base do futebol na ex-colônia, sendo que 6 são nascidos em Portugal, mas com descendência africana e optaram por representar a seleção angolana. Com relação a Cabo Verde, os resultados foram os seguintes: dos 29 esportistas selecionáveis, 18 possuem passagem pelo futebol português, 11 tendo participado desde a base em solo lusitano, e 7 são portugueses com descendência africana que escolheram defender a seleção de Cabo Verde.

No caso de Guiné Bissau o percurso de 34 selecionáveis foi analisado, chegando aos seguintes dados: deste total, 25 possuem passagem por algum clube do futebol português, 23 destes atuando desde a base neste país, e 8 são portugueses com descendência africana que representam a seleção de Guiné Bissau. Dando sequência aos levantamentos, os dados de São Tomé e Príncipe são os seguintes: de um total de 22 jogadores, 13 possuem alguma passagem pelo futebol português, sendo que destes 12 atuam desde a base neste importante centro esportivo europeu. Cabe destacar também que 6 são portugueses com descendência africana que optaram por defender a seleção de São Tomé e Príncipe.

Com relação a Moçambique foram analisados a trajetória de 23 jogadores sendo que 10 possuem passagem pelo futebol português, menor número obtido das equipes analisadas, 4 atuam desde a base em Portugal, e ao contrário das demais não possui nenhum português com descendência africana em seu elenco. Portanto, estes dados demonstram claramente as relações neocoloniais estabelecidas por Portugal com suas ex-colônias, mesmo após a independência, reproduzindo a rota colonial, mas agora com os pés de obra. A partir da indicação destes dados gerais, algumas tematizações devem ser destacadas, a começar pela trajetória de tais futebolistas, conforme podemos ver na tabela abaixo:

<i>Seleção (2022)</i>	Passagem futebol português	Passagem Europeu – não português	Trajatória apenas no futebol nacional	Total
<i>Angola</i>	15 (60%)	6 (24%), (sendo 4 estrangeiros)	4 (16%)	25
<i>Cabo Verde</i>	18 (62%)	11(38%) (sendo 8 estrangeiros)	0	29
<i>Guiné – Bissau</i>	25 (73%)	11(27%), (sendo 6 estrangeiros)	0	34
<i>São Tomé e Príncipe</i>	13 (60%)	3 (10%), (sendo 1 estrangeiro)	7 (30%)	22

<i>Moçambique</i>	10	0	9	23
-------------------	----	---	---	----

TABELA 2 – Trajetória dos futebolistas selecionáveis (conforme cruzamento de dados do Transfermarkt)

A partir de tais dados, é notável o grande número de jogadores dos PALOPS com passagem pelo futebol português, longe de ser coincidência, mas reflexo que pode estar atrelado às relações neocoloniais ainda presentes entre estes países africanos e sua ex-metrópole. De todos os selecionáveis, 60% tiveram em sua trajetória profissional pelo menos uma passagem por clubes portugueses, enquanto que apenas 15% tiveram uma experiência futebolística baseada exclusivamente em seu território nacional. Mais especificamente, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe possuem mais de 60% dos selecionáveis com experiência futebolística em solo português (60%, 62%, 73% e 60% respectivamente), mas se considerarmos apenas os nascidos em seu território nacional, a média passa dos 75%.

É curioso notar que a quantidade diminuta de experiências em outras territorialidades europeias, ainda mais se considerarmos os jogadores não naturalizados, pois a trajetória destes selecionáveis que nasceram fora do território de sua seleção pode estar mais atrelada à antiga metrópole de seu país de origem, como é o caso dos jogadores mencionados a seguir que nasceram em outros países, e devido a ser de família de descendentes de angolanos optaram por defender as cores de Angola. Clinton Mata, nascido na cidade de Verviers, na Bélgica, Giovanni Bamba, nascido em Fribourg, na Suíça e Anderson Lucoqui que nasceu na Alemanha em Zweibrücken.

A dependência com Portugal no mercado futebolístico africano fica mais evidente e reflete nos dados apresentados, onde percebe-se que um pequeno número dos selecionáveis que atuaram somente em seus país de origem. No caso de Angola são 4 atletas, São Tomé e Príncipe somam 7 e Moçambique carrega os dados mais expressivos com 9 atletas, em contrapartida Cabo verde e Guiné Bissau não possuem nenhum atleta dos selecionáveis que atuam no país de origem. Estas informações evidenciam a dificuldade dos países africanos de se desvencilhar destas relações neocoloniais, bem como o impacto diretamente no desenvolvimento do futebol local, pois seus principais atletas estão atuando em outros locais.

Tais dados reforçam a dependência esportiva entre os PALOPS e Portugal, em que os selecionáveis nacionais são majoritariamente aqueles que jogam ou jogaram no futebol português. Veremos a seguir como, para além de uma influência técnica e esportiva, tal situação também transborda para uma questão subjetiva, que envolve a torcida e o acompanhamento do futebol. A seleção de Moçambique tem suas particularidades com relação as demais dos PALOPS, neste caso em questão, pois não possui jogadores que atuam em solo europeu fora de Portugal, e também não conta com estrangeiros em seu elenco, além de ter menos da metade de

seus selecionáveis com trajetória profissional na ex-metrópole. Podemos inferir que essa maior centralidade nacional que possui Moçambique pode estar historicamente ligada à tentativa de manter seus jogadores em território nacional, como foi exposto anteriormente, gestando um maior sentimento nacional em volta de sua própria seleção e clubes. No entanto, nos faltam dados para fazer tal afirmação.

Percebe-se que, além dos principais jogadores das seleções africanas dos PALOPS seguirem uma trajetória muito semelhante no âmbito esportivo, migrando em sua maioria para Portugal, nota-se também que estes esportistas fazem este caminho ainda muito jovens, muitas vezes mesmo antes de se tornarem profissionais, nas categorias de base, ou seja, finalizam seu trabalho de formação em solo europeu, fator que pode interferir muito na identificação destes jogadores com o país que os recebe, além da própria identidade futebolística e no modo de se praticar o esporte, conforme destaca Pizzaro: “observa-se que a aceleração do processo de globalização aumentou a transferência de atletas com menos de 18 anos, inclusive muitos acabam indo ainda mais jovens e muitas vezes se naturalizam” (2021, p.90). Os dados obtidos na pesquisa podem ser observados na tabela abaixo:

<i>Seleção (2022)</i>	Base no futebol português	Base na Europa não português	Base no futebol nacional	Total
<i>Angola</i>	13	7	8	25
<i>Cabo Verde</i>	11	10	5	29
<i>Guiné – Bissau</i>	23	12	2	34
<i>São Tomé e Príncipe</i>	12	3	9	22
<i>Moçambique</i>	4	0	22	23

TABELA 3 – Categoria de base dos selecionáveis (conforme cruzamento de dados do Transfermarkt)

Cabe destacar que com exceção do caso de Moçambique, as demais seleções analisadas possuem jogadores nascidos em Portugal, e com descendência africana, que optaram pelos mais variados fatores por defender as cores dos países de seus familiares. Ainda seguindo neste raciocínio, argumenta-se que estes jogadores não optaram em representar as seleções africanas por orgulho de suas ancestralidades, mas talvez por não terem espaço na seleção portuguesa e enxergarem nas aparições em competições de seleções uma importante vitrine para alavancar suas carreiras.

Estes dados expostos anteriormente com relação a jogadores, sua trajetória e suas origens são bem importantes para compreensão desta ligação entre a ex-metrópole e suas ex-colônias, pois percebe-se que muitos destes atletas que não seguem a lógica da rota futebolística África-Portugal, e atuam em outros países europeus como o caso de França, Holanda e Bélgica por exemplo, são porque em sua grande maioria nasceram nestes países e possuem descendência

africana, do contrário a esmagadora maioria que atua em solo português. Os dados de origem de tais jogadores ficam mais claros na seguinte tabela:

<i>Seleção (2022)</i>	Nacional	Português com descendência africana	Estrangeiro	Total
<i>Angola</i>	14 (56%)	6 (24%)	5 ⁷ (20%)	25
<i>Cabo Verde</i>	13 (45%)	7 (24%)	9 ⁸ (31%)	29
<i>Guiné – Bissau</i>	20 (59%)	8 (23%)	6 ⁹ (18%)	34
<i>São Tomé e Príncipe</i>	15 (68%)	6 (27%)	1 ¹⁰ (5%)	22
<i>Moçambique</i>	23 (100%)	0	0	23

Tabela 4: origem dos jogadores (conforme cruzamento de dados do Transfermarkt)

Enfim, o futebol é um esporte que reflete muito sobre a sociedade, das questões culturais às políticas e, portanto, estes dados mencionados anteriormente colaboram muito para uma melhor visualização e interpretações destes laços ainda muito presentes entre Portugal e suas ex-colônias.

Considerações Finais

Portanto, partindo da contextualização histórica de colonização, inserção do esporte nas colônias, juntamente com as análises das seleções dos países africanos colonizados por Portugal, fica evidente as particularidades das relações neocoloniais estabelecidas na atualidade e que merecem ser fruto de maiores reflexões. Neste caso, o campo esportivo se torna uma ferramenta crucial para expandir a discussão sobre as relações históricas estabelecidas e reestabelecidas pelo domínio colonial. É a interação entre fatores históricos, econômicos e culturais que ajuda a compreender a importância do futebol no mundo contemporâneo, especialmente após a globalização.

Enfim, partindo dos dados relatados nas tabelas anteriores, fica evidente que Portugal é o principal destino destes atletas africanos. Então, devemos reiterar novamente que a rota do futebol atual, retratada pelos fluxos migratórios dos principais futebolistas saído dos PALOPS e indo em direção a Portugal, “coincidentemente” representa o mesmo caminho da antiga rota colonial da mão de obra escrava e das riquezas que deixavam os países africanos rumo à metrópole imperialista.

⁷ (1) Alemanha, (2) Bélgica, (1) França, (1) Suíça.

⁸ 5 (Holanda), 3 França, 1 Costa do Marfim

⁹ (4) França, (1) Itália, (1) Bélgica

¹⁰ 1 França

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Claudio de F. **A Revolução Portuguesa, 1974-1976: a revolução dos cravos entre o passado e o futuro**. São Paulo: ed. Unesp, 2011.

FANON, Franz. **Condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Ed Civilização Brasileira, 2007.

MELO, V.A. O esporte e as lutas anticoloniais nas colônias portuguesas na África: Amílcar Cabral. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011**. p. 1-10.

MARZANO, Andrea; NASCIMENTO, Augusto. O esporte nos países africanos de língua portuguesa: um campo a desbravar. **Tempo**, v. 19, p. 53-68, 2013.

PIZARRO, J, O. **A globalização e o sistema-mundo do futebol: modernidade e (De) colonialidade na circulação de atletas a partir dos mundiais Fifa**. Florianópolis: UFSC, 2021.

OUTROS DOCUMENTOS:

_____.Convocada seleção para confronto rumo ao mundial. Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/convocada-selecao-para-duplo-confronto-rumo-ao-mundial/>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

_____.**Transfermarkt** - **Moçambique**. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/mosambik/kader/verein/5129>>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

_____.Transfermarkt Cabo Verde. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/kap-verde/kader/verein/4311>>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

_____.Transfermarkt São Tomé e Príncipe. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/sao-tome-und-principe/startseite/verein/15236>>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

_____.**Transfermarkt** **Guiné** **Bissau**. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/guinea-bissau/startseite/verein/3701>>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

Recebido em: 07/08/2022

Aprovado em: 11/11/2022